



São Josemaría Escrivá

Fundador do Opus Dei

[Início](#) - [Documentação](#) - [Artigos](#) - A homilia do campus: sentido de uma mensagem...

A homilia do campus: sentido de uma mensagem...

Pedro Rodríguez

26.10.2003

O 50º aniversário da Universidade de Navarra, festejado ao longo do ano académico 2002-2003, deu azo a que se comemorassem, na vida universitária, os acontecimentos mais significativos que balizam esta história. Um deles, eminente de modo muito singular, é o que deu lugar a esta conferência.

Com efeito, São Josemaría Escrivá, Fundador e primeiro Grão Chanceler da Universidade de Navarra, por ocasião da II Assembleia dos Amigos da Universidade, pronunciou no *campus* de Pamplona uma homilia* já célebre que agora, 35 anos depois, podemos qualificar de histórica (1). Para a geração de professores, alunos e amigos da Universidade que a escutaram, passou em seguida a ser, simplesmente, a “homilia do *campus*”, e com este nome se designa hoje de forma generalizada.

Era Domingo o dia 8 de Outubro de 1967. Josemaría Escrivá celebrou a Santa Missa ao ar livre, com o altar junto às colunas que sustentam o pórtico do antigo Edifício das Bibliotecas. Uma multidão – milhares de pessoas – unida aos Amigos naquela sagrada celebração, ocupava a grande esplanada que envolve o Edifício Central e o antigo das Bibliotecas. Estava um dia de sol radioso. D. Javier Echevarría – actual Prelado do Opus Dei – e o P.e Alfredo García Suárez, já falecido, ajudavam à Missa que o Fundador celebrava.

Seja-me permitido recordar uma graça que o Senhor quis conceder-me: a de officiar como diácono naquela Eucaristia. Coube-me, portanto, proclamar o santo Evangelho que a seguir São Josemaría iria comentar. Sou testemunha da emoção do seu olhar quando lhe apresentei o Livro sagrado para o beijar. Depois, e durante uns trinta e cinco minutos, São Josemaría leu com extraordinário vigor, com calma e pausadamente, o texto integral da homilia, que

levava escrito em folhas. Enquanto ressoava a sua voz naquela imensa Catedral ao ar livre, sentia-se o impacto que as suas palavras produziam nos fiéis. Daquela homilia conserva-se a fita gravada e cinco ou seis minutos de filmagem, que constituem uma das melhores jóias do tesouro histórico daquela Universidade.

Quero salientar algo que, já então, me pareceu singular. Era a primeira vez – e penso que foi a única – que Josemaría Escrivá comentava o Evangelho lendo o texto da pregação. Tinha lido discursos, mas não homilias. A sua pregação de homilias, abundantíssima, inesquecível, foi sempre directa, com o livro dos Evangelhos na mão; e quando muito, um pequeno guião, ou alguma ficha, para ordenar as ideias. A edição posterior de muitas das homilias que pregou costumava fazê-la a partir do teto estenografado – ou reproduzido da fita de um gravador -, revisto depois para publicação. Nessa altura, não foi assim. O texto estava escrito com pontos e vírgulas. Mais ainda. Não só levava São Josemaría as folhas que leu, mas havia mandado imprimir previamente o texto da homilia, que foi entregue a boa parte dos assistentes ao terminar a Santa Missa (2). Os exemplares daquela primeira edição, impressa em Madrid, são já procurados por bibliófilos.

Se refiro estes pormenores tão pequenos é porque manifestam de alguma maneira o significado peculiar que o próprio Fundador atribuía à “homilia do *campus*”. O seu texto fora evidentemente muito meditado, palavra por palavra, e queria pronunciá-lo na Universidade de Navarra, e a partir dela, perante a Associação dos Amigos da Universidade de Navarra.

Os estudiosos do pensamento e da doutrina de São Josemaría têm salientado, por várias vezes, a riqueza teológica da doutrina contida neste texto, em que lhes parece encontrar, de maneira especialmente sintética e compendiada, os aspectos fulcrais da mensagem espiritual do Fundador do Opus Dei. Posso dar um testemunho nesse sentido, ou talvez seja só uma impressão minha, mas aferida com muitos dos participantes. A homilia do *campus* foi o texto de São Josemaría mais citado nas sessões plenárias do Congresso sobre Josemaría Escrivá (Roma, 2002). Os estudos sobre esta homilia, por ocasião do referido Congresso, e depois dele, têm sido numerosos. Permitam-me aludir somente ao texto publicado em Abril do ano passado pelo filósofo e teólogo da Universidade de Lovaina André Léonard, actualmente Bispo de Namur. O que chamou a sua atenção e dá título e corpo ao seu estudo é a sugestiva e paradoxal expressão “materialismo cristão”, com que os editores franceses intitularam a primeira edição da homilia do *campus* naquela língua.

1. O título da homilia

Uma primeira aproximação à mensagem da homilia é-nos sugerida, com efeito, pelo título que se lhe foi dando nas diferentes edições. A primeira edição não tinha título específico. O mesmo se deve dizer das edições do original castelhano que fizeram as revistas “Palabra” e “Nuestro Tiempo” (3). Na mesma altura, pelo contrário, outras revistas europeias – “La Table Ronde”, de Paris, e “Studi Cattolici”, de Milão – facultaram aos seus leitores traduções do texto com título próprio, e, certamente, com intenção determinada: a primeira, “Le matérialisme chrétien” (4); a segunda, “Amare il mondo apassionatamente” (5).

Ambos os títulos manifestam, como digo, aspectos importantíssimos da homilia (6). Contudo, no momento de captar o núcleo doutrinal do nosso texto, não nos dispensam, incitam-nos, pelo contrário, a uma leitura pausada do próprio texto. E eu vou fazê-lo desta maneira: não indo directamente aos conteúdos da homilia, mas procurando primeiro a sua estrutura, o fluir das ideias e da linguagem que as expressa.

2. A mensagem da homilia

Eis um breve esquema interno da homilia, que pode servir, por sua vez, como guia de leitura (7):

1. Ponto de partida: Introdução eucarística (113a - 113b)

2. Desenvolvimento da homilia

a) linha ascendente (113c – 115); três teses:

1ª - “A vida corrente no meio do mundo – deste mundo, não de outro – é o verdadeiro lugar da existência secular cristã” (113c – 113d)

2ª - “As situações que parecem mais vulgares, procedendo da própria matéria, são metafísica e teologicamente valiosas: são o meio e a ocasião do nosso encontro contínuo com o Senhor” (113f – 114a)

3ª - “Não há duas vidas, uma para a relação com Deus; outra distinta e separada, para a realidade secular; mas uma única, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser santa e cheia de Deus” (114d – 115)

b) o cume: “viver santamente a vida de cada dia” (116a - 116c)

c) linha descendente: (116d – 122); três pontos:

- “a vossa actuação de cidadãos na vida civil” (116d – 118a)

- excursão sobre os Amigos da Universidade de Navarra (118b – 120f)

- “o amor humano, o amor casto entre um homem e uma mulher” (121 – 122)

3. Conclusão: Passagem à profissão de Fé e à Eucaristia, mistério de Fé (123a – 123g)

Devemos dizer antes de mais que se trata de uma homilia, e que o pregador concebe, portanto o seu trabalho como um anúncio das magnalia Dei, que vão ter o seu ponto culminante – diz – “nesta impressionante Eucaristia que hoje celebramos no *campus* da Universidade de Navarra” (113a). No âmago deste caminhar litúrgico para o Corpo e Sangue de Cristo, São Josemaría Escrivá vai entretecendo o corpo da homília, sem perder em nenhum momento a referência eucarística. Esta intencionalidade de todo o discurso tornar-se-á especialmente vibrante nas palavras finais, quando chama os fiéis à fé:

“Fé viva nestes momentos – dizia – porque nos aproximamos do *mysterium fidei* (1 Tim 3, 9), da Sagrada Eucaristia; porque vamos participar nesta Páscoa do Senhor, que resume e realiza as misericórdias de Deus para com os homens”.

O corpo da homilia arranca precisamente do “significado escatológico” do sagrado mistério. Pois bem, a exposição desse corpo doutrinal, também sob o ponto de vista do fluir das ideias, surge como a subida de um monte: tem um desenvolvimento que é, primeiro ascendente; depois, “atinge o cume” e a seguir desce pela outra vertente. O pregador vai expondo e propondo a sua mensagem de maneira que ao terminar o parágrafo 116b, pode também considerar-se terminada a ascensão: está adquirido já o essencial do património de doutrina que quer inculcar nos fiéis. Pouco antes havia dito que o que acabava de expor era “doutrina da Sagrada Escritura, que se encontra – como sabeis – no próprio cerne do espírito do *Opus Dei*” (116a). É este o momento em que se vislumbra plenamente a paisagem. Estamos no cume:

“Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a Terra. Mas não; onde se unem deveras é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida de cada dia...”.

O texto impresso apresenta aqui reticências. A pausa que fez o pregador na leitura reflecte-os com toda a exactidão. O parágrafo imediato inicia-se com uma pausada repetição:

“Viver santamente a vida de cada dia, acabo de dizer-vos. E com estas palavras me refiro a todo o programa da vossa vida cristã”.

A partir daí, começa, com efeito, a descida: São Josemaría irá expondo as consequências práticas da doutrina espiritual até então elaborada, em duas etapas principais: a primeira, “a vossa actuação como cidadãos na vida civil” (116d a 118a), e a segunda, “o amor humano, o amor casto entre um homem e uma mulher” (121 e 122); entre ambas situa-se um interessante excurso, sobre

diversas questões doutrinárias relacionadas com o momento histórico concreto (liberdade civil, carácter secular da Universidade de Navarra e das obras apostólicas do Opus Dei:) (118b a 120f). Esta descida é também linear até chegar ao encontro com Cristo na Eucaristia, com que terminou a sua pregação.

Mas para captar melhor a mensagem, voltemos à frase que se repete no “cume” – nessa passagem dos parágrafos 116b e 116c - , porque é ela que determina o tema da homilia e é a parte mais central da sua mensagem, o seu conteúdo mais radical:

“viver santamente a vida de cada dia”.

Com essa expressão quer o autor referir-se, segundo as suas próprias palavras, a

“todo o programa da vossa vida cristã”.

É isto, pois, o que Josemaría Escrivá quis expor na homilia do *campus*: a santificação da vida normal e corrente de um homem ou de uma mulher cristãos. A análise literária do texto mostra que, efectivamente, essa expressão é a dominante ao longo de toda a homilia, constituindo como que o seu eixo doutrinal.

Por isso, não será inútil fazer a sùmula das passagens em que aparece (8), pois são todas de uma grande densidade.

Naquela a que chamámos fase ascendente e antes de chegar à passagem citada 116b-c, encontramos a expressão em dois lugares.

- A primeira encontra-se depois da descrição dos elementos daquele templo singular, que era naquele momento o *campus* da Universidade. Dizia: “Não vos confirma de uma forma plástica e inolvidável esta enumeração que o verdadeiro *lugar* da vossa existência cristã é a vida corrente?” (113f).

- O segundo oferece esta fórmula taxativa: “Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor na nossa vida corrente, ou nunca O encontraremos” (114f).

No cume (116b-c) está gravada, como vimos, a expressão viver santamente a vida de cada dia, que irá adquirir um sentido técnico no resto da homilia.

Na descida aparece a expressão em contextos muito relevantes. Especialmente relevante primeira:

“Vê-se claramente que, neste terreno como em todos, não poderíeis realizar o programa de *viver santamente a vida de cada dia*, se não gozásseis de toda a liberdade, etc.”. (117b).

Josemaría Escrivá apresenta-nos aqui, como vemos, uma fórmula ainda mais acabada para captar o conteúdo essencial da sua homilia e volta a usar pela segunda vez o termo “programa” – agora mais no sentido de “projecto” – para se referir a esse “viver santamente a vida de cada dia” que está a pregar aos fiéis.

A segunda passagem serve para introduzir outra dimensão importante desse “programa”.

“E agora, meus filhos e minhas filhas, permiti que me detenha noutro aspecto – particularmente querido – da vida comum. Refiro-me ao amor humano, ao amor casto entre um homem e uma mulher” (121a).

A conclusão de uma homilia é, pastoralmente, o momento em que se salienta e intensifica, face ao Mistério, o que foi a mensagem do pregador. Por isso não é de estranhar que nesse breve espaço, em que se vai dar a continuação ao rito da celebração litúrgica, apareçam os três últimos trechos que nos interessam. O primeiro é o próprio início da conclusão:

“Tenho de terminar, meus filhos. Disse-vos ao começar que a minha palavra queria anunciar-vos alguma coisa da grandeza e da misericórdia de Deus. Julgo tê-lo cumprido ao falar-vos de viver santamente a vida corrente, porque uma vida santa no meio da realidade secular – sem ruído, com simplicidade, com veracidade – não será porventura a mais comovedora manifestação das *magnalia Dei* (Eccli 18, 4), dessas portentosas misericórdias que Deus sempre realizou, e não deixa de realizar, para salvar o mundo?” (123a).

É evidente que aqui é o próprio autor da homilia que nos diz qual foi o tema da sua pregação: “viver santamente a vida de cada dia”. É interessante sublinhar que São Josemaría tinha em conta que pregar e difundir este “programa” é hoje, segundo as suas palavras, a forma mais comovedora de anunciar a grandeza e a misericórdia de Deus.

Pouco depois o pregador começava o seu vibrante apelo à fé, com a qual acabará a homilia, porque

“faltando a fé, falta o próprio fundamento da *santificação da vida corrente* (123d).

As últimas palavras, já ante o Mistério iminente, são estas:

“Fé, finalmente, filhas e filhos queridíssimos, para demonstrarmos ao mundo que

tudo isto não são apenas cerimónias e palavras, mas uma realidade divina, apresentando aos homens o testemunho de uma vida corrente santificada, em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e de Santa Maria” (123g).

As nossas considerações sobre a estrutura do texto levaram-nos a esta conclusão. Segundo São Josemaría Escrivá, o objectivo da sua homilia era expor os traços fundamentais do que é a vida normal e corrente santificada de um homem ou de uma mulher cristãos. Um título da homilia não paradoxal, mas temático, tirado também das próprias expressões do pregador, seria, pois, o que temos estado a ver: “Viver santamente a vida de cada dia”. Ou também esta outra fórmula, perfeita, que acabamos de encontrar na conclusão da homilia: “Uma vida santa no meio da realidade secular”.

Com a simplicidade destes títulos e deste tema, o Fundador da Universidade de Navarra estava a propor na realidade, em traços profundos, o que poderíamos chamar, já com palavras nossas, a sua “teologia da secularidade cristã”. Quer dizer, na homilia do *campus* encontra-se uma compreensão da Revelação divina e da missão da Igreja – e, portanto, do cristão – em que a tarefa *histórica* do homem, nas suas grandes e nas mais pequenas realizações terrenas, aparece plenamente redimida, assumida e integrada na dinâmica da salvação. Essa interpenetração constrói-se e manifesta-se, sobretudo, como é lógico, naquilo a que chamei “linha ascendente” da homilia. A “linha descendente” dedicar-se-á a tirar consequências e a explicitar e fazer entender na prática o já fundamentalmente adquirido no ascendente. A essa compreensão se dedica a segunda parte desta conferência.

3. Três teses sobre a secularidade cristã

O Fundador do Opus Dei construiu a sua homilia como uma reflexão em volta do duplo binómio espírito/matéria e espiritualismo/materialismo. E sobre ele vai assentar as que nos parecem ser as três teses fundamentais do seu discurso. Nelas se condensa a sua mensagem. Vejamo-las.

a. Tese 1ª. *Sobre o “lugar” da existência cristã*

“A vida corrente no meio do mundo – deste mundo, não de outro – é o verdadeiro *lugar* da existência secular cristã”

O ponto de partida do seu discurso foi, como se recordam, o desacreditar dos falsos espiritualismos, quer dizer, de uma falsa noção do espiritual. Queria Josemaría Escrivá contrariar um equívoco que comportou graves consequências históricas: a existência cristã entendida “como algo de exclusivamente *espiritual* –

espiritualista, quero dizer - próprio da gente pura, extraordinária, que não se mistura com as coisas desprezíveis deste mundo, ou que, quando muito, as tolera como realidade necessariamente justaposta ao espírito, enquanto aqui vivemos” (113c).

Segundo o Fundador do Opus Dei, para esta concepção “o lugar por excelência da vida cristã passa a ser o templo”. A consequência é clara: “ser cristão, nesse caso, consiste em ir ao templo, participar em cerimônias sagradas, incrustar-se numa sociologia eclesial, numa espécie de *mundo* segregado, que se apresenta a si mesmo como a antecâmara do Céu, enquanto o mundo comum segue o seu próprio caminho” (113d). Já se perfilam aqui as antinomias espírito/matéria, mundo eclesial/mundo vulgar, templo/vida corrente, etc., que são características do “monismo” espiritualista. O descrédito teológico e pastoral destas atitudes apresenta na homilia uma desusada solenidade e é anterior a toda a argumentação:

“Nesta manhã de Outubro, enquanto nos dispomos a penetrar no memorial da Páscoa do Senhor, respondemos simplesmente *que não* a essa visão deformada do Cristianismo” (113e).

O argumento em que vai apoiar a “tese” – que claramente entende partilhada por aquela imensa assembleia – não é dedutivo, mas existencial. Remete os ouvintes para a consideração da experiência cristã que estão a viver naquela liturgia:

“Reflecti por um momento sobre o enquadramento desta Eucaristia: encontramos-nos num templo singular”.

E o pregador vai nomeando o que tínhamos perante os nossos olhos: o *campus*, as Faculdades universitárias, a maquinaria que levanta os novos edifícios, a Biblioteca, o céu de Navarra... A partir daí, o Fundador do Opus Dei chega a esse primeiro ponto denso do seu discurso que apelidámos de primeira tese: A vida corrente, verdadeiro *lugar* da existência secular cristã. Esta simples afirmação, que será interpretada e explicitada das formas mais diversas ao largo da homilia, contém *in nuce* toda a sua teologia da secularidade (9).

b. Tese 2ª. *Sobre o valor e a dignidade da matéria*

Chegados a este ponto, aparece-nos a segunda tese, que podemos formular assim:

“As situações que parecem mais vulgares, partindo da própria matéria, são metafísica e teologicamente valiosas: são o meio e a ocasião do nosso

encontro contínuo com o Senhor”

Com efeito, São Josemaría avança na sua exposição mostrando, agora positivamente, o que os espiritualismos ignoram ou negam: o valor da matéria. Esta segunda parte da subida, do ponto de vista do vocabulário, inicia-se nas últimas linhas do n. 113: “É no meio das coisas mais materiais da Terra que devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens” (113f). Aqui encontramos pela primeira vez na homilia a palavra “matéria”, que reaparecerá abundantemente na secção.

A ideia central agora é que essa “vida corrente”, da qual vinha falando nos parágrafos precedentes, esse “lugar” da existência cristã, compreende no seu seio também as realidades “materiais” e só consegue entender-se a partir da avaliação positiva da “matéria”. Esta avaliação positiva é o pressuposto metafísico e antropológico da teologia da secularidade cristã que o Grão Chanceler ia desfiando no *campus*. Não podemos, pois, estranhar a desusada intensidade com que, dentro da brevidade da homilia, se deteve a tratar este ponto. Seguindo a sua habitual maneira de encarar o tema, fundamentou a sua tese no relato bíblico da Criação do mundo na sua realidade material e espiritual: “lavé olhou para ele e viu que era bom”(114a). O homem é feito de matéria e espírito e Deus colocou-o a viver no meio das realidades materiais (10).

“Matéria”, na linguagem da nossa homilia, é um termo utilizado para nomear, desde a dimensão mais humilde – desde a *ignobilior pars* -, toda a gama do “vulgar”, a totalidade do “corrente”, que deve ser santificada e levada até Deus. É, com efeito, uma linguagem que desde as suas bases metafísicas se abre e inclui as realidades mais antropológicas. Daí que as fórmulas sejam normalmente enumerativas: “Deus vos chama a servi-Lo em e a partir das ocupações civis, materiais, seculares, da vida humana” (114a), “a esse Deus invisível, que nós encontramos nas coisas mais visíveis e materiais” (114c), é preciso restituir “à matéria e às situações que parecem mais vulgares...” (114d). Em resumo: a posição metafísica e teológica da “matéria” no discurso de Josemaría Escrivá é esta: a sua dignidade – a dignidade da matéria – radica precisamente na sua relação com o espírito, na sua capacidade de servir o espírito e de ser penetrada por ele, encontrando nesse serviço o seu verdadeiro destino. A tarefa de recuperar o “nobre e original sentido” das realidades materiais vem descrita pelo Fundador do Opus Dei precisamente com esta expressão: “espiritualizá-las”; não, efectivamente, no sentido dos espiritualismos, que se envergonham do material, mas neste outro bem preciso: fazê-las participar do destino do espírito. Ou o que é o mesmo em termos soteriológicos: fazer “delas o meio e a ocasião do nosso encontro permanente com Jesus Cristo” (114e).

Para a compreensão desta segunda tese temos de reparar que São Josemaría tinha sempre como pano de fundo da sua exposição essa grande lei da economia salvífica, que poderíamos formular assim: na vida cristã, tudo é, ao mesmo tempo, dom e trabalho, indicativo e imperativo, dom divino e responsabilidade humana. O aspecto “tarefa” é o formalmente sublinhado no parágrafo que acabo de transcrever. Mas esse imperativo é possível e tem sentido porque a realidade mesma que procuramos nos foi dada por Deus: na economia da graça, o imperativo baseia-se no indicativo. Dito de outra maneira: a tarefa de procurar Cristo só é possível porque Ele, gratuitamente, se nos deu e se nos dá: “Eu estarei convosco até à consumação dos séculos” (Mt 26, 28). Voltando ao nosso discurso: a luta que São Josemaría Escrivá nos propõe para transformar a matéria em “meio e ocasião” de encontro com Cristo baseia-se em que o Senhor está ali!:

“em todo o imenso panorama do trabalho, Deus espera-nos todos os dias” (114b). Dom e tarefa associam-se, de um modo belo, nesta fórmula:

“escondido nas situações mais comuns, há *algo* de santo, de divino, que vos cabe a cada um de vós descobrir” (114b).

“Eu vos asseguro, meus filhos, que, quando um cristão realiza com amor a mais intrascedente das acções diárias, ela transborda de transcendência de Deus” (116b).

Aqui o dom e a tarefa aparecem fundidos na vida real do cristão, cuja vida no meio das realidades seculares começa a ser já “uma vida escondida com Cristo em Deus” (Col 3, 3). Mas aqui entramos já no campo da terceira tese.

c. Tese 3ª. *Sobre a “unidade de vida” do cristão*

“Não há duas vidas, uma para a relação com Deus; outra, distinta e separada, para a realidade secular; mas uma única, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser santa e cheia de Deus”

A tese sobre a “unidade de vida”, como as outras duas que a precedem, tem nesta nossa homilia o seu contexto imediato também na análise do falso espiritualismo, sendo a falsa solução dada à relação corpo espírito classificada na nossa homilia com uma palavra forte, bem conhecida dos psicólogos: “esquizofrenia”. Surgiu em vastos sectores de fiéis cristãos uma espécie de esquizofrenia espiritual, perante a qual Escrivá reage com vigor. A passagem merece ser reproduzida no seu teor literal:

“Não, meus filhos! Não pode haver uma vida dupla; se queremos ser cristãos, não podemos ser como que esquizofrênicos. Há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser – na alma e no corpo – santa e cheia de Deus, desse Deus invisível, que nós encontramos nas coisas mais visíveis e materiais” (114d).

Talvez a fórmula mais perfeita para descrever esta dinâmica unificante da vida seja esta, que vem a seguir:

“Ficai a sabê-lo: escondido nas situações mais comuns, há *algo* de santo, de divino, que vos cabe a cada um de vós descobrir” (114b).

Aqui está, talvez, o ponto culminante da terceira tese: a unidade entre a vida de relação com Deus e a vida quotidiana – trabalho, profissão, família – não vem de fora, dá-se no próprio seio desta última, porque é aqui, na vida normal e corrente, onde se dá esse algo santo, que cada um deve descobrir.

4. Sentido da mensagem

A doutrina que Josemaría Escrivá expôs no *campus* da Universidade de Navarra – assim o disse ali – encontra-se “no próprio cerne do espírito do Opus Dei” (116a). Portanto, não era nova: era a que vinha pregando desde 2 de Outubro de 1928, quando o Senhor lhe fez “ver” a Obra (11). Agora volta a expô-la para que os ouvintes a compreendam – diz – “com uma nova clareza” (114b). Doutrina esta, não só originária, mas constantemente ensinada, como é realçado na alusão à “repetida insistência” com que havia pregado sempre “que a vocação cristã consiste em fazer poesia heróica da prosa de cada dia” (116b). Isto é evidentemente assim. Mas Josemaría Escrivá nunca entendeu essa mensagem espiritual, que Deus lhe inspirou com força indelével, como uma espécie de aerólito que se incrusta imóvel na terra, mas como uma semente que cresce fecundada pela graça de Deus. Por isso, o Fundador, ao longo de toda a sua vida, foi sempre aprofundando na mensagem do dia 2 de Outubro de 1928. E fazia-o pelo caminho sancionado pela vida da Igreja e, sobretudo, pela vida dos santos. Josemaría Escrivá, com efeito, aprofundou a mensagem de 2 de Outubro através das luzes, que vieram a seguir – com alguma frequência de carácter extraordinário (12) –, que Deus lhe concedeu, e da maneira mais comum, através de uma constante reflexão sobre a própria mensagem, realizada no contexto da sua experiência espiritual e histórica: os acontecimentos da vida da Igreja e da Obra e, em geral da história humana, tal como os entendia, ofereciam-lhe a matéria indispensável para o exercício da sua responsabilidade, também da sua responsabilidade perante o tesouro que Deus havia colocado nas suas mãos.

Quando Josemaría Escrivá pregou ao ar livre no *campus* da nossa Universidade, estava quase recém terminado o Concílio Vaticano II. A Constituição *Lumen Gentium* tinha proclamado, com uma solenidade sem precedentes, a chamada universal dos cristãos à santidade; por sua parte, a Constituição *Gaudium et Spes* tinha chamado a atenção para a bondade original do mundo e o valor do trabalho humano, por seu turno, de compreender as relações do mundo com a Igreja. Dois temas, de ambas as Constituições conciliares, que estavam já no centro da mensagem do 2 de Outubro de 1928 e que nos anos que se seguiram à formação do Opus Dei eram compreendidos apenas por uns poucos. Era este o contexto eclesial imediato da nossa homilia: o que havia provocado nos anos trinta do século passado – não muito longínquos – suspeitas, incompreensões, e inclusive acusações de desvios doutrinários e heresia, era agora doutrina conciliar. A meu ver, este apoio do Concílio Vaticano II e o conteúdo da *Gaudium et Spes* ajudam a compreender a linguagem e o estilo argumentativo com que o Fundador do Opus Dei abordou nesta ocasião a temática tantas vezes pregada. Este apoio permitiu-lhe exprimir-se com uma linguagem teologicamente penetrante, quase polémica, que realça as antíteses, o que lhe confere uma força pedagógica extraordinária, tornando fácil a captação da doutrina por parte dos ouvintes.

Por outro lado, aquele mês de Outubro de 1967 está próximo do acontecimento cultural conhecido como “Maio de 68”, que se saldou por um acumular de utopias e desenganos. O ano académico de 1967-68 foi difícil de esquecer. No que diz respeito à vida eclesial, sucedem-se em ritmo acelerado, as manifestações de uma interpretação secularista – assim lhe chamou Paulo VI – do Concílio Vaticano II, com a tremenda crise que provocou: primeiro, no âmbito das Ordens e Congregações religiosas; depois no clero secular; por último na vida de todo o Povo de Deus. Foi Louis Bouyer que diagnosticou, a meu ver de forma acertada, esta sequência (13). Era a época em que ecoava nos meios eclesiásticos de toda a Europa a teoria anglo-saxónica da secularização. Era a época em que o *Honest to God*, de John A.T. Robinson, divulgava esta secularização radical do Cristianismo, que deixava sem respiração sectores significativos do clero e dava azo ao êxodo nos seminários espanhóis (14), e em que a revista *Time* dedicava a sua *Cover Story* à “teologia da morte de Deus” (15). Era esta, ao mesmo tempo, a época do domínio marxista nas universidades europeias e do diálogo com o marxismo como único horizonte intelectual digno dos cristãos...

Se trago à colação estas recordações históricas, é porque são o contexto do que ouvimos no *campus* naquela manhã de Outubro e, sem elas, passar-se-ia por alto o humus cultural e teológico daquela mensagem. O Grão Chanceler da Universidade de Navarra, pregando no *campus* da sua Universidade e,

contrariamente ao que se poderia esperar, não situou dialecticamente a sua homilia “face a” essas falsas teologias da secularização, mas a sua palavra orientou-se criticamente – já o disse – face a posições de sinal oposto: em concreto, face a uma deformação “tradicional” do cristão que poderíamos classificar de clerical, sacralizante e falsamente piedosa. Foi a partir desta posição dialéctica que São Josemaría anunciou a novidade do Evangelho. Apresentou naquela memorável Assembleia de Amigos da Universidade de Navarra não um ataque ao secularismo mas uma profunda óptica cristã para a compreensão da secularidade. Perspectiva, esta, cheia de amor e fidelidade à Igreja, que superava radicalmente, sem os nomear, passando, por um plano mais elevado, as formulações de uma falsa secularização.

5. Trinta e cinco anos depois

Passaram 35 anos sobre aquele acontecimento. As circunstâncias contextuais a que acabo de me referir, que sob outros aspectos sofreram mudanças tão profundas nestes sete lustros, confirmaram, às vezes de maneira devastadora, a pressão secularista sobre as propostas e os valores cristãos. As graves consequências em relação à cultura, à família, à vida social e, em geral ao respeito pela vida humana são bem conhecidas de todos por as terem sofrido na própria carne e na dos entes mais queridos. Por isso parece inevitável esta pergunta: Como é que São Josemaría teria apresentado hoje a homilia do *campus*? Ter-se-ia deixado impressionar pela onda “globalizante” da descristianização? Teria, em consequência disso, “reconsiderado” a sua “estratégia”, procurando agora não tanto a inserção dos cristãos no mundo mas “espaços sagrados” nos quais os cristãos poderiam apelar a uma espécie de “direito de asilo”? Teria olhado o templo com outros olhos, vendo nele o baluarte protector para daí fazer “incursões” no mundo comum para “salvar almas”?

Apercebem-se de que, em rigor, estou a propor um futurível e portanto algo que em sentido próprio não tem resposta. Cada um pode imaginar o que quiser. Eu, por minha parte, dir-lhes-ei o que penso. E o que penso é que São Josemaría não teria tocado numa vírgula do texto da sua homilia, que por algum motivo levava escrita da primeira à última palavra. Toda a investigação e estudo do pensamento de São Josemaría Escrivá que surgiu por ocasião do seu Centenário e da sua Canonização, considera esta homilia como um texto profético para o mundo deste terceiro milénio, o mundo do *Duc in altum*.

Mas não podemos esquecer um facto que me parece da máxima importância na nossa análise, e é que a homilia do *campus* pressupõe a catequese cristã. Isto é, que o discurso de São Josemaría naquela ocasião queria fazer compreender o conceito da secularidade da vida cristã partindo do princípio de que o seu

auditório estava de posse dos conceitos fundamentais da *identidade* cristã. Por isso, não sente a necessidade de falar na homilia do Baptismo, fonte da identidade do cristão na Igreja e, portanto, da vida que há-de ser vivida nessa secularidade que Josemaría Escrivá quer fazer compreender. E o Baptismo, os dons da graça, os sacramentos: todas estas realidades constitutivas do ser da Igreja e do cristão são o pressuposto, sempre subjacente na homilia, de tudo o discurso sobre a secularidade. O modo utilizado pelo Fundador do Opus Dei para fazer ponderar estas realidades, no *campus*, é, como vimos, a Eucaristia em torno da qual se desenvolve a homilia. A Eucaristia, centro e raiz – como ele mesmo disse – de tudo na Igreja e no cristão, é a referência permanente de todas as reflexões que o texto encerra.

A demolição dos fundamentos da vida cristã para a qual tende a cultura contemporânea faz com que haja muita gente hoje que se declara – pelo menos nas sondagens – cristã, mas carece de formação básica em matéria de fé. Isto é fundamental no momento de usar a “homilia do *campus*”. Sem a vida de Cristo na alma, o mundo “material” torna-se opaco e impenetrável. Dito positivamente e com as palavras do próprio pregador: “quando um cristão realiza com amor a mais intranscendente das acções diárias, ela transborda de transcendência de Deus” (116b). Só a partir de Cristo e da vida da graça, se poderão desempenhar com amor as coisas pequenas, e o mundo vulgar e corrente se poderá converter em “epifania” de Deus. Em última análise, para entender a secularidade cristã é preciso ter fé em Jesus Cristo e querer viver conforme a essa fé. Por isso, os homens e as mulheres de fé que vivem no meio do mundo – na *secularidade cristã* – têm como primeira exigência dessa fé falar de Deus nos diferentes ambientes: falar de Jesus Cristo, da sua misericórdia e dos seus sacramentos. É um dever que, no início deste terceiro milénio, não podemos adiar e muito menos esquecer.

O texto da homilia do *campus* com as suas análises e propostas, lido hoje, mostra com efeito a extraordinária actualidade daquelas formulações. Precisamente a pressão a que as onda secularista submete a vida cristã revela à sociedade, também na sua máxima tensão, a ténpera humana e a categoria espiritual que Deus quer dar – e portanto exige – às mulheres e aos homens de quem Josemaría Escrivá fala. A homilia do *campus* adiantou, em mais de dez anos, o *Não tenhais medo* que tornou João Paulo II emblemático e que tem de ser relançado na nova evangelização para que fomos convocados por este ancião jovem que é o Sucessor de Pedro.

Termino com a esperança de que São Josemaría não ache demasiado inadequadas as considerações que fiz sobre as suas palavras inesquecíveis.

* Ler a Homilia

Conferência pronunciada na Aula Magna da Universidade em 18 de Janeiro de 2003 na sessão organizada pela Associação dos Amigos da Universidade de Navarra.

(1) Desta homilia ocupei-me de maneira mais extensa no capítulo intitulado *Vivir santamente la vida ordinaria*, do livro AA.VV., *Josemaría Escrivá de Balaguer y la Universidad*, Prólogo de Álvaro del PORTILLO, Eunsa, Pamplona 1993, pp. 225-258. Para ele remeto com frequência nestas notas.

(2) HOMILIA | pronunciada pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. |MONS. JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER | Gran Canciller de la Universidad de Navarra | durante la Misa celebrada en el *campus* de la | Universidad, con ocasión de la Asamblea General de la Asociación de Amigos | 8 de Octubre de 1967 | PAMPLONA | MCMLXVII, 16 pags. Está impressa em E.M.E.S.A., Madrid. É de notar a beleza tipográfica desta edição. Há outras edições correctas, publicadas também pela Universidade, que se distinguem da primeira no pé de imprensa da última página. Nestas vem: GRAFINASA, Pamplona.

(3) “Palabra” nº 27 (1967) pp. 23-27 reproduzia *qua talis* o rosto da edição original. “Nuestro Tiempo” nº 28 (1967) pp. 601-609 inclui a homilia no seu número de Dezembro desse mesmo ano, de carácter monográfico, onde se intitula simplesmente: “Homilia del Gran Canciller”.

(4) “La Table Ronde”, nº 239-240, Novembro-Dezembro, pp. 231-241.

(5) “Studi Cattolici”, nº 80, Novembro 1967, pp. 35-40.

(6) Ver sobre este tema o meu estudo citado na nota 1, pp.35-40.

(7) O texto da homilia é incluído como último capítulo (nn.113-123) no livro *Conversaciones con Mons. Escrivá de Balaguer* publicado em 1968 pela ed. Rialp e traduzida para numerosas línguas. [Foi traduzido para português. e editado por Ed. Prumo, 1973, com o título *Temas Actuais do Cristianismo*]. A esta edição são referidas as citações da homilia pondo entre parênteses o número marginal correspondente (e uma letra quando o número original compreende vários parágrafos).

(8) Ao proceder ao elenco, sublinhamos nos textos a expressão que comentamos. O uso do itálico não pertence, portanto, ao texto original.

(9) Ver o meu estudo citado na nota (1), pp. 241-243.

(10) Ver *ibidem*, pp. 244-249.

(11) Ver sobre o tema J.L. ILLANES, *Dos de octubre de 1928: alcance y significado de una fecha*, em AA.VV., *Mons. Escrivá de Balaguer y el Opus Dei*, Pamplona 1985, pp.65 ss.

(12) Uma dessas ocasiões, particularmente significativa, foi o dia 7 de Agosto de 1931. Ver sobre o tema P. RODRÍGUEZ, *Omnia traham ad meipsum. El sentido de Juan 12, 32 e la experiencia espiritual de Mons. Escrivá de Balaguer*, em "Romana", 7 (1991) pp. 331-352.

(13) Ver L. BOUYER, *La decomposición del Catolicismo*, Madrid 1974.

(14) A tradução espanhola do livro de Robinson é de 1967.

(15) Ver *Time*, 8 de Abril de 1966.